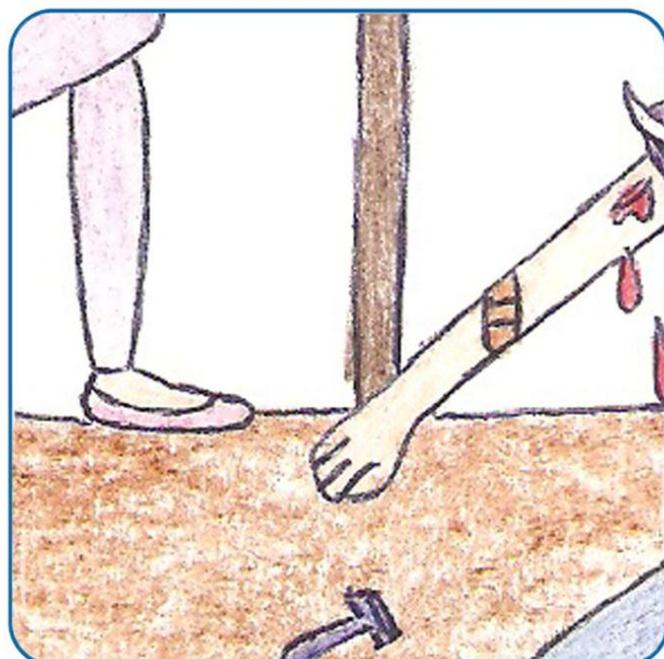
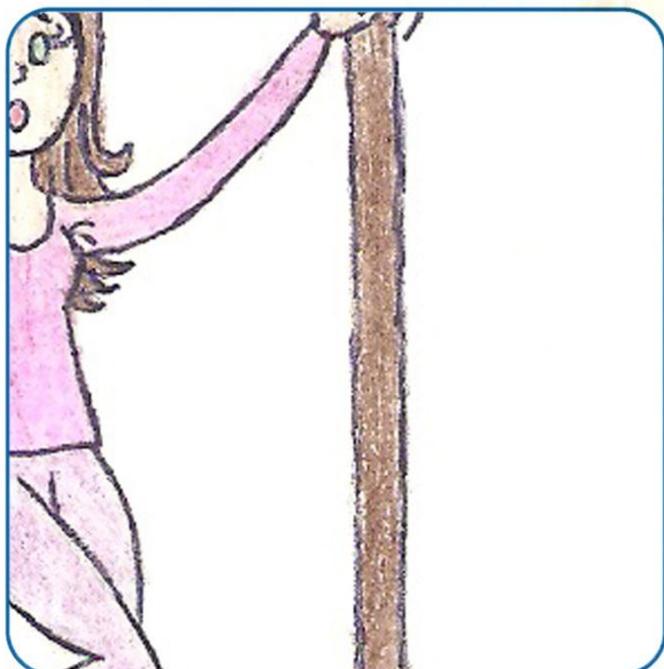


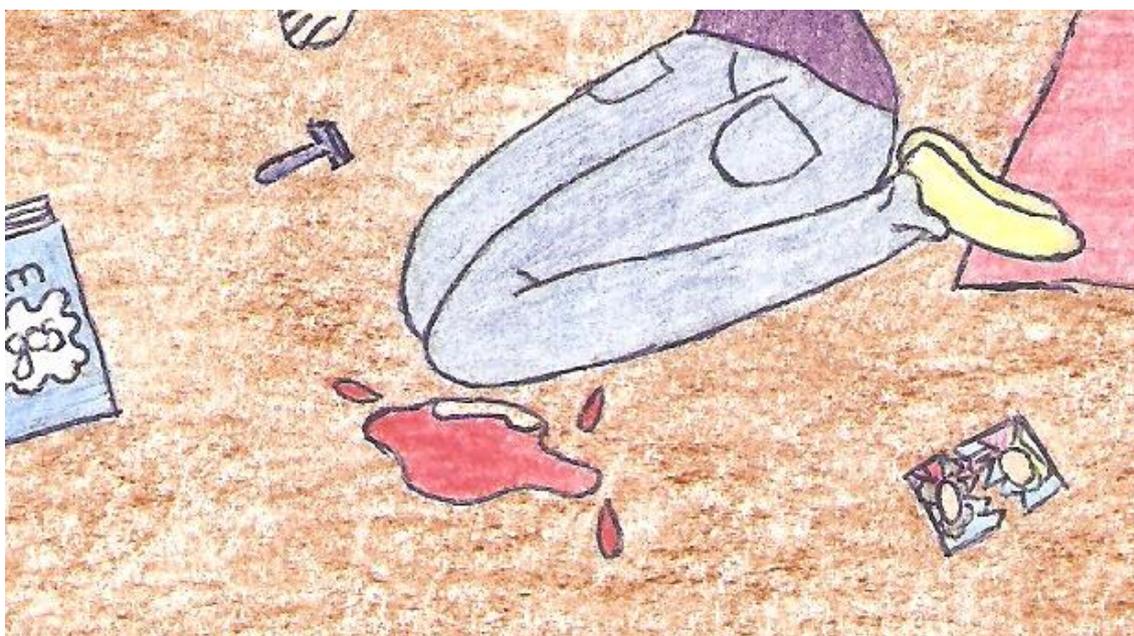


a dor escondida



A dor escondida

Onde está o raio da tesoura que não a encontro? Ainda ontem a tinha aqui guardada na minha mesa-de-cabeceira, porque é que hoje já não está? Aposto que foi a minha mãe que veio remexer nas minhas coisas. Quando chegar a casa já lhe digo. Não há respeito nenhum por uma rapariga de 18 anos. Quer-se dizer, afinal a maioridade já não conta para nada. Já a ameacei e vou mesmo concretizar: depois dos exames nacionais feitos, lá sigo para uma universidade em Coimbra, aqui em Lisboa é que não me apanha. Nunca foi boa mãe e agora é que pensa que o é. O meu irmão é que fez bem ao pirar-se para o estrangeiro.



- Sandra, cheguei. Estás no teu quarto?
- Sim estou e anda cá que tenho que falar contigo. Mas afinal quem te mandou mexer nas minhas coisas?
- Do que é que estás a falar?
- Sabes bem o que digo. Desapareceu-me uma tesoura que tinha aqui na gaveta.
- Não tirei nada. Sabes bem que tenho a minha tesoura guardada na caixa de costura.
- Não me mintas, que eu não sou maluca. Estou fartinha que não me respeites. Será que vou ter que começar a comprar as minhas coisas.

É que se assim for, sabes bem que arranjo trabalho e desisto da escola. Estou cansada de viver contigo.

- Filha não sejas injusta, sabes bem que só quero o teu bem. A mãe faz tudo por ti. Se te tirei a tesoura é porque sei bem o que queres fazer com ela e isso não posso permitir.

- Não podes permitir o quê? Eu é que sei como devo aliviar a minha dor.

- Mas que dor tão grande é essa, que te faz auto-mutilar. Qualquer dia ainda vou dar contigo morta, de tanto golpe que infliges em ti.

- Não te metas nisso, são coisas minhas.

- São tuas, mas tu és a minha menina e eu preocupo-me se estás mal.

- Deixa-me em paz! Não te preocupes que não vou morrer tão cedo.

- Credo, isso não é coisa que se diga. Estás insuportável!

- E tu também. Agora sai do meu quarto que tenho que estudar.

Não vejo hora de ter a minha independência. Preciso tanto de sair daqui e tentar fugir destas mágoas que tanto me atormentam. Eu só queria ser feliz, porque é que ele me trocou pela Anabela, logo pela minha melhor amiga. Mas também que raio de amiga que arranjei. Se calhar também tive um pouco de culpa, que lhe dizia para desabafar com ele dos seus problemas amorosos. Acabaram por desabafar demais e quem ficou a perder fui eu... Que raio de sorte a minha. Ai que dor enorme que sinto dentro de mim. E agora que não tenho uma tesoura para me aliviar. Será que com uma lâmina também resulta? Boa ideia, vou tentar com a gilette.



- Sandra vem jantar antes que arrefeça. Estás a ouvir filha? Mas que raio se passa? Oh não, que foste tu fazer! Acorda, filha! Não me deixes...

Ivone procura desalmadamente o telemóvel. Mal o encontra, liga a tremer para o 112.

- É uma urgência, a minha filha está desmaiado e a esvaír-se em sangue. Alguém que faça alguma coisa.

- Tenha calma minha senhora. Diga-me a morada e vou já mandar uma ambulância.
- Moramos na Rua... Despachem-se que ela tem golpes muito profundos que não param de deitar sangue.

Ivone encosta-se ao corpo da filha e tenta estancar o sangue com os lençóis da cama, mas em vão. Desta vez, Sandra devia estar mesmo magoada para ter a coragem de se auto-mutilar com tanta violência. Ivone chora de forma descontrolada e não consegue perceber a dor da filha. Será ela culpada por tal?

- Abra a porta.
- Entrem, depressa. A coitadinha não diz nada e está a ficar sem sangue certamente.
- Tenha calma, minha senhora. Afaste-se que nós fazemos o resto.

Sandra é levada de imediato para o hospital. São lhe feitas algumas transfusões de sangue. Só acorda oito horas depois, completamente perdida.

- Onde é que estou?
- No hospital.
- A fazer o quê? Ainda há pouco estava em casa.
- Não foi assim há tão pouco tempo. Já passaram algumas horas. O que te deu para te cortares com uma gilette?
- Não sei do que estás a falar.
- Já chega de inventar histórias. Sê sincera de uma vez por todas comigo. Tens consciência de que não morreste por pouco?
- Estás a exagerar.
- Achas mesmo que estou? Então pergunta ao médico que te atendeu.
- Que mania que tu tens de aumentar as coisas! Se não te importas, gostava de ficar um pouco sozinha e aproveita e fala com o médico para me deixar ir para casa.
- Tu não tens melhoras.

Bem pelos vistos meti o “pé na poça”. Não devo ter medido bem a força que usei com a gilette. Há um ano a auto-mutilar-me e ainda sou uma amadora. Tenho que começar a ter mais cuidado das próximas vezes. Se a tonta da minha mãe não me tivesse



escondido a tesoura nada disto tinha acontecido. A culpada foi ela...

- Sandra como te sentes? Fui eu que tratei de ti. Rapariga o que é que se passa contigo? Estás farta de viver? Uma rapariga tão jovem e bonita, certamente que não precisa de se auto-mutilar.

Pronto, lá vem mais um com a mania que sabe da minha vida. Quando é que as pessoas vão perceber que cortar-me é uma forma de aliviar a minha dor emocional? Eu sei que não estou louca e tenho medo que pensem isso de mim. Mas já não consigo controlar, para mim cortar-me tornou-se uma coisa rotineira.

- Não sei o que se passou. Estava triste. Senti-me magoada.
- Mas cortar-te não é a melhor solução. Há quanto tempo fazes isso?
- Há um ano.
- Então acho que é mesmo altura de parares. Não morreste por muito pouco. Mas da próxima poderás não acordar. É isso que queres?
- Não é isso, só que não sei lidar com a tristeza que sinto.
- Mas é melhor começares a pensar no que te faz ficar assim. Ainda és muito nova e com uma vida inteira pela frente. E pelo que a tua mãe me disse, és uma jovem super inteligente e muito talentosa para as artes. Por isso, aproveita essas coisas boas e canaliza-as para te ajudarem a atenuar a dor. Ah e antes que me esqueça, vais ficar uma semana internada, porque ficaste muito fraca. Além disso, inscrevi-te como voluntário na Pediatria.

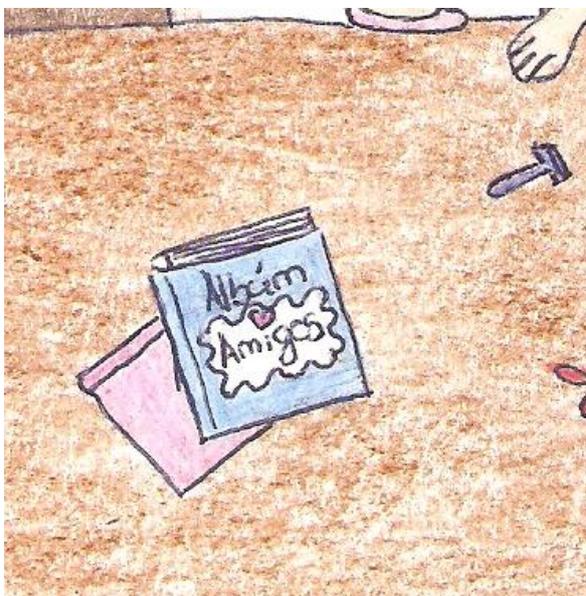
Costumamos ter casos de jovens que como tu, tentam por fim à vida. Pode ser que acordes para a realidade.

- Mas...

- Nem mais, nem mas...Estão a contar contigo.

Não acredito nesta pouca sorte. Se tivesse aqui algo para me cortar nem hesitava. Que nervos, parece que todos mandam em mim.

Sandra lá passou a semana internada e no último dia, antes de regressar a casa, começou o voluntariado.



- Olá, eu sou a Sandra e foi o Dr. Pedro Santos que me mandou vir cá. Em que posso ajudar?

- Sandra, sê bem-vinda. Olha, temos ali duas amigas de 13 anos que estão internadas, porque tal como tu, também se cortam. E durante um pacto de amizade que decidiram fazer, descontrolaram-se e entraram em coma. Estão a recuperar, mas pode ser interessante ires falar com elas.

- Não sei se tenho coragem.

- Vai lá, que elas precisam de apoio. Vai-te fazer bem, quem sabe não te ajuda a perder esse comportamento destrutivo?

- Vou lá, mas se me custar venho embora.

- Combinado.

Metem-me em cada uma. Agora vou ter que levar com duas parvinhas, que nem devem saber o que querem da vida...

- Olá, eu sou a Sandra. Tenho 18 anos e auto-mutilo-me há um ano.
- Eu sou a Ana e ela a Filipa, temos 13 anos e somos as melhores amigas. Também nos auto-mutilamos. Tudo começou por brincadeira, mas agora estamos viciadas. Eu sei que não o devíamos fazer e já estamos a tentar controlar isso.
- Sim, depois deste susto, não vamos voltar a fazer. Somos jovens demais para desperdiçar assim a nossa vida. Temos tantos sonhos, eu quero ser enfermeira e ela professora. A nossa família tem sido muito importante e nós não os queremos desapontar, mas mais importante, não nos queremos desapontar a nós.
- Fazem bem. Eu também percebi durante este tempo de internamento que não posso continuar assim. Além de me fazer mal fisicamente, afecto muito a minha mãe, com quem me torno agressiva. Ela não tem culpa dos meus problemas e eu já sou crescida para aprender a lidar de forma pacífica com as minhas angústias e medos.
- Não podias ter tomado melhor opção. A vida é curta e temos que a aproveitar. Das coisas negativas devemos tirar uma lição e crescer com elas. Nós já fizemos um novo pacto de amizade, só que desta vez sem nada de sangue. Demos um abraço e prometemos cuidar uma da outra. Porque a amizade é mesmo isto, ajudarmo-nos. Se alguma se quiser auto-mutilar, a outra não deixa. Queres entrar neste nosso pacto?
- Parece-me um pacto muito adequado. Contem comigo...



Já lá vão três anos, desde que Sandra começou a fazer voluntariado. Nunca mais se auto-mutilou, tem conseguido cumprir o pacto. Acabou por entrar numa universidade perto de Lisboa, não conseguiu deixar a mãe, com que estabeleceu uma relação de amizade linda. Entretanto há dois anos que namora. É feliz e tenta apagar as marcas do passado, só que há cicatrizes que teimam em não desaparecer, mas são essas cicatrizes que a fazem “acordar” e lutar pela vida...